

Marx

200 anos

RAPHAEL SEABRA E STEFAN KLEIN (ORGS.).

Porto Alegre: Zouk, 2023. 212 p.

Leonardo Belinelli*

No primeiro ensaio de *Três estudos sobre Hegel*, Theodor Adorno polemiza com aqueles que se perguntam sobre o que está “vivo” e o que está “morto” na obra de um grande pensador. Adorno criticava a pretensão julgadora, como se quem vivesse depois pudesse se alçar à posição arbitral. Notava, também, a ausência da pergunta oposta: que significa o presente em relação ao passado? Eis um dos desafios enfrentados pelos autores de *Marx 200 anos*.

Fruto de um colóquio de mesmo nome ocorrido em outubro de 2018 na Universidade de Brasília, o livro foi concebido no mês em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República. Se cada um dos 7 capítulos expõe pesquisas avançadas sobre temas de especialidade de seus autores, o conjunto é marcado pela urgência do tempo histórico em que foi produzido. Recorde-se ainda, como observou Stefan Klein, o clima de “tolerância repressiva” que paira sobre a obra de Marx na academia.

No capítulo de abertura, Luís Felipe Miguel se pergunta: o que o projeto emancipatório de Marx nos diria hoje? O texto estabelece debates. Parte deles é estabelecido com o liberalismo, corrente que, embora muito variada, reduz a “emancipação humana” à “emancipação política”. Porém, outra parte é mantido com o próprio Marx e com as tradições da esquerda contemporânea; em jogo, estão alguns dos pressupostos que organizam suas reflexões e suas consequências

* Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: belinelli.leonardo@gmail.com

práticas, para não falar de algumas de suas categorias centrais, como o próprio conceito de “classe trabalhadora” e suas relações com outras categorias em voga. O texto apresenta um conjunto substantivo e articulado de questões que continuarão a nos interpelar por um bom tempo.

Também interessado em refletir sobre as transformações ocorridas entre os séculos XIX e XXI, porém centrado na categoria de “trabalho”, o capítulo de José de Lima Soares faz uma revisão sobre tal conceito na obra de Marx e nas tradições da II e III Internacional. Dialogando com as críticas de Hannah Arendt ao conceito de trabalho em Marx, Soares sustenta que elas seriam mais corretas se direcionadas ao que chama de “marxismo vulgar” das duas internacionais. Na perspectiva do autor, tais correntes não teriam percebido a dimensão ontológica do trabalho em Marx. O capítulo faz uma instrutiva discussão a respeito das diferenças entre capitalismo e o que István Meszáros chamou de “poder do capital”, ângulo a partir do qual levanta uma série de profundos problemas relacionados à emancipação humana.

Se os dois primeiros capítulos do livro tratam de questões relativas a categorias como “emancipação” e “trabalho”, o terceiro, ancorado na tradição da Teoria Crítica, se debruça sobre o problema da relação entre “classe” e “massa” – mediado, teoricamente, pela questão da “ideologia” e, politicamente, pela ascensão do nazifascismo. Depois de recapitular a gênese do conceito de “massa” no pós-Revolução Francesa, Bruna Della Torre entra no seu espinhoso tema: a formulação de Sigmund Freud a respeito da “massa” e a sua apropriação por Theodor Adorno. Além da complexidade de tal empréstimo, o próprio conceito de “massa” apresenta pressupostos controvertidos (apontados pela autora) e vai ao cerne de um problema de grandes proporções, a relação de Adorno com a teoria das classes sociais. Depois de examinar diversos momentos da elaboração do frankfurtiano, Della Torre sustenta que a “massa” corresponderia ao processo de enfraquecimento da tensão entre as classes, o que não significaria, no entanto, a superação do conflito fundamental entre capital e trabalho. Antes pelo contrário: seria produto de um cenário no qual o capital se torna capaz não apenas de erodir as organizações que lhe apresentam resistência, mas a própria individualidade dos eventuais componentes de tais grupos. O diálogo com o que vivemos salta aos olhos.

Problemática similar é trabalhada no capítulo seguinte, escrito por Eduardo Altheman. Também ancorado na Teoria Crítica, o texto procura combinar os aportes da tradição marxista que se debruça sobre os problemas do fetichismo da mercadoria aos formulados por Michel Foucault em sua análise das consequências sociais do neoliberalismo. Nesse caso, o neoliberalismo deixa de ser concebido como uma forma de “desregulação” da economia para ser encarado como um conjunto de princípios que se propõem a organizar a sociedade a partir da “forma empresa”. Aí, pois, a originalidade do texto: a partir da aproximação dos problemas da “forma mercadoria” e da “forma empresa”, lança a hipótese de que o

neoliberalismo seria a versão mais radical da formação social capitalista existente na medida em que seu pilar seria, para usar expressão do autor, a “exponenciação da forma mercadoria”. Ciente das distâncias metodológicas que afastam Marx e Foucault, o autor especifica: apesar delas, ambos proporiã, respectivamente, que mercadoria e empresa seriam formas capazes de expandirem seu raio de ação mais imediato e, assim, se tornarem preponderantes em outras esferas que não imediatamente a do trabalho. Se a tradição de Marx fala em “reificação”, a de Foucault fala em “novos regimes de saber e poder”.

O capítulo subsequente, escrito por Vladimir Puzone, opera um deslocamento no livro, uma vez que formula teses - provisórias - sobre o “neofascismo” no Brasil, entendendo o fascismo como uma revolta contra a ordem em crise que visa, contraditoriamente, reafirmá-la pela violência e que tem como uma de suas características a mobilização de classes subalternas. Também inspirado na Teoria Crítica, procura articular hipóteses a respeito da relação entre crise de acumulação, crise das relações sociais e suas ressonâncias políticas. Destaque-se o debate que estabelece com aqueles que atribuem a direitização do Brasil apenas às “classes médias”.

O penúltimo capítulo, elaborado por Raphael Lana Seabra, é um estudo exploratório que visa discutir as contribuições de autores venezuelanos à teoria do subdesenvolvimento e da dependência. Em tela, estão as elaborações de Armando Córdova e Héctor Silva Michelena em *Aspectos teóricos del subdesarrollo* (1967), as de Héctor Mavalé Mata, para além dos resultados do Congreso Cultural de Cabinas sobre la Dependencia y el Neocapitalismo (1970). O autor não se exime de fazer considerações críticas sobre seus objetos, o que é muito bem-vindo, na medida em que faz o debate avançar.

Por fim, Zaira Rodrigues Vieira examina o que chama de “leitura operaísta” de algumas categorias centrais da obra de Marx. Anti-economicista e anti-objetivista, o operaísmo italiano propunha o estudo de *O capital* vinculado à realidade operária e daria origem, como se sabe, às discussões em torno do trabalho imaterial. O capítulo faz uma apresentação sofisticada de algumas das teses do grupo, em geral pouco conhecidas entre nós. Destaca-se a discussão a respeito do “intelecto geral”. Outra contribuição do capítulo está no contraste entre o ponto de vista dos italianos e o dos autores vinculados à chamada Novas leituras de Marx. São muitas as diferenças entre as duas correntes, mas vale chamar a atenção para uma: os lugares opostos que atribuem à análise do trabalho e ao seu papel numa sociedade pós-capitalista.

Ao articular pesquisas rigorosas e preocupações políticas, o livro se coloca no horizonte que procura unir teoria e prática. Cabe, então, voltar à pergunta proposta por Adorno: do ponto de vista do livro, o que significa o presente em relação ao passado? A resposta não é animadora. Afeitos ao pensamento das contradições, os ensaios reunidos tomam tal dificuldade não como derrotismo, mas como o combustível que anima o pensamento resistente.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Democracia, dominação, emancipação

Luis F. Miguel e Gabriel E. Vitullo

Poulantzas no Brasil

Tatiana Berringer

Engels 200 anos

João Quartim de Moraes e Pedro Leão da Costa Neto

DOSSIÊ “José Carlos Mariátegui”

Deni Alfaro Rubbo, Leandro Galastri, Aníbal Quijano,
Michael Löwy, André Kaysel, Luiz Bernardo Pericás

Entrevista: Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya

Giovanna Marcelino e Bruna Della Torre

51